
**ALDA REZENDE E TACIANO L. MILFONT: vozes Latino-
Americanas na Nova Zelândia**

***ALDA REZENDE AND TACIANO L. MILFONT: Latin American
voices in New Zealand***

***ALDA REZENDE Y TACIANO L. MILFONT: voces Latinoamericanas
en Nueva Zelanda***

LUCIANO VICTOR BARROS MALULY

Universidade de São Paulo

CARLOS AUGUSTO TAVARES JÚNIOR

Universidade de São Paulo

LEONEL ALVARADO

Universidade de Massey, Nova Zelândia

302

Resumo: O multiculturalismo é o foco desta entrevista com dois brasileiros radicados na Nova Zelândia, Alda Rezende e Taciano L. Milfont. Como músicos, ambos são ativistas em prol da divulgação da arte brasileira na Oceania. O principal objetivo desta pesquisa é destacar a experiência vivenciada pelos entrevistados e, assim, revelar um panorama do cenário cultural latino-americano na Nova Zelândia.

Palavras-chave: Integração multicultural. Nova Zelândia. Alda Rezende. Taciano Milfont.

Abstract: Multiculturalism is the focus of this interview with two Brazilians based in New Zealand, Alda Rezende and Taciano L. Milfont. As musicians, both are activists engaged in promoting Brazilian art in Oceania. The main objective of this research is to highlight their lived experience and, thus, provide an overview of the Latin American cultural scene in New Zealand.

Keywords: Multicultural integration. New Zealand. Alda Rezende. Taciano Milfont.

Resumen: El multiculturalismo es el tema de esta entrevista con dos brasileños radicados en Nueva Zelanda, Alda Rezende y Taciano L. Milfont. Como músicos, ambos son activistas que promueven el arte brasileño en Oceanía. El objetivo principal de esta investigación es resaltar la experiencia vivida por los entrevistados y, así, dar un panorama del escenario cultural latinoamericano en Nueva Zelanda.

Palabras clave: Integración multicultural. Nueva Zelanda. Alda Rezende. Taciano Milfont.

1 INTRODUÇÃO



Alda Rezende, Taciano L. Milfont (em pé), Luciano Maluly e Leonel Alvarado na Wellington Access Radio.
Foto: Armando Baudin

Quando os brasileiros Alda Rezende e Taciano L. Milfont decidiram se mudar para a Nova Zelândia, estava em jogo muito mais que os anseios pessoais e profissionais, mas também uma luta em prol da divulgação da cena cultural brasileira. Em meio à própria diversidade artística da Oceania, suas experiências musicais são cheias de autenticidade, com influências dos povos nativos Māori e dos elementos típicos da América Latina.

Mineira de Belo Horizonte e radicada na Nova Zelândia desde 2004, Alda Rezende¹ é cantora, intérprete e dona de uma voz incomum. Alda trabalha num segmento da MPB sintonizado com o passado e com a modernidade. Com inteligência e sensibilidade, ousa ao interpretar canções de maneira personalíssima. Seu trabalho de pesquisa musical busca uma interação entre o inesperado e o bom gosto. Ouvinte assídua de inúmeras vertentes de nossa música, o resultado dessa mistura é patente no trabalho da artista. Navega - com olhar atual – por momentos e movimentos da música brasileira.

¹ Informações enviadas por Alda Rezende por e-mail, em 18 de agosto de 2019, e também retiradas do perfil disponível em <https://www.mpbnet.com.br/canto.brasileiro/alda.rezende/index.html>. Acesso em: 02 out. 2020.

No Brasil, a cantora participou vários eventos e festivais importantes, como o encerramento do Fórum das Américas, Prata da Casa e Balaio Brasil, do Sesc de São Paulo, além de ter sido uma dos 12 finalistas do prêmio Visa, selecionada entre mais de 3 mil intérpretes. Alda também cantou com diversos grandes nomes da música brasileira, como João Bosco, Elza Soares, Velha Guarda da Mangueira, Jorge Mautner e Jards Macalé.

Alda Rezende foi a primeira cantora a gravar com uma geração de músicos que hoje está na linha de frente da nova música mineira, como Kristoff Silva e Makely Ka. Gravou os álbuns Samba Solto, Madrugada, Traveller, além de ter participado de projetos coletivos, tanto no Brasil quanto na Nova Zelândia.

Conhecida do público nas rádios de Belo Horizonte por seu trabalho como apresentadora e produtora de programas musicais e culturais, faz o mesmo na Nova Zelândia, apresentando o programa de World Music “Global Pulse”, na RadioActive FM em Wellington, desde 2006. Alda é também responsável pelos projetos Live Brazil Festival, *Latin Club*, Samba Society e Tutakitaki (uma fusão da música brasileira com a música maori). Seu projeto mais recente é dedicado à música do Clube da Esquina.

Na Nova Zelândia e na Austrália, Alda Rezende é veterana do circuito musical, tendo se apresentado em importantes casas e festivais, como Auckland Arts festival, Adelaide Cabaret festival, Festival Pura Vida, Melbourne Recital Centre e no Wellington International Jazz Festival, entre outros. A cantora trabalhou com muitos dos músicos mais celebrados dos dois países, como Jonathan Crayford, Lucien Johnson, Noel Clayton, Patrick Bleakley, Mike Nock, Doug DeVries, Vince Jones, Al Kerr etc.

Taciano Milfont² é originalmente de Pindorama, Brasil, mas mora em Aotearoa, Nova Zelândia, desde 2003. Considera-se um *Briwi* - um Kiwi Brasileiro - e possui dupla nacionalidade.

Obteve seu PhD em psicologia social e ambiental pela University of Auckland em 2007. Após a conclusão do PhD, trabalhou como pesquisador de pós-doutorado na School of Population Health da University of Auckland, examinando o impacto do clima das escolas sobre a saúde e bem-estar dos alunos. Antes disso, ele fez sua graduação

² Informações retiradas do site oficial de Taciano L. Milfont, que estão disponíveis em: <http://www.milfont.com>. Acesso em: 02 out. 2020.

(psicologia organizacional) e seu mestrado (psicologia social) na Universidade Católica de Pernambuco e na Universidade Federal da Paraíba, respectivamente.

Trabalhou na Victoria University of Wellington por doze anos (2008-2020), tornando-me vice-diretor, codiretor e diretor do Centre for Applied Cross-Cultural Research (2015-2019). Em maio de 2020, começou uma nova função como Professor de Psicologia Ambiental na Universidade de Waikato.

Esta entrevista³ foi gravada no estúdio da Wellington Access Radio, em Wellington, na Nova Zelândia, sendo fruto da parceria entre a Universidade de São Paulo (USP) e a Massey University (UM) que tem como objetivo debater a integração multicultural entre a Nova Zelândia e a América Latina, principalmente o Brasil.

A conversa foi coordenada pelos professores Luciano Victor Barros Maluly (USP) e Leonel Alvarado (MU) e teve a produção do pós-doutorando na Escola de Comunicação e Artes da USP, Carlos Augusto Tavares Junior, que desenvolve a pesquisa *Brasil-Māori: O rádio como meio de integração entre Brasil e Nova Zelândia*.

O leitor também poderá acompanhar essa experiência sonora no site do Programa Universidade 93,7 da Rádio USP FM⁴, que transmitiu o Especial *Latin Maori*, entre 9 de fevereiro e 5 de abril de 2020.

2 ENTREVISTA

LUCIANO MALULY: **Qual é a trajetória da Alda Rezende na Nova Zelândia?**

ALDA REZENDE: Completei trinta anos de carreira em 2019. Sou de Minas Gerais, de Belo Horizonte. Eu já tinha uma carreira estabelecida quando me mudei para cá em 2004, não pela música, mas para criar meu filho que nasceu aqui e, ao longo dos anos, participei de várias bandas e criei um festival Live Brazil Festival que teve quatro edições. Participei de bandas com *kiwis*⁵, inclusive uma banda que o Taciano [Milfont]

³ O processo de transcrição ocorreu de forma manual, com ajuda de *softwares* de áudio como Audacity e SoundForge. Dessa maneira, buscou-se fazer uma aproximação qualitativa da experiência da conversa *in loco*, realizada no dia 18 de outubro de 2019, nos estúdios da Wellington Access Radio.

⁴ Especial *Latin Maori* disponível em: <http://www.usp.br/cje/radiojornalismo/?s=latin+maori>. Acesso em: 02 out. 2020.

⁵ Termo local para designar nascidos na Nova Zelândia. Os habitantes desse país não se identificam como “neozelandeses”, mas como *kiwi*.

era um dos integrantes, que se chamava Ziriguidum. Também desenvolvi uma parceria e lancei um disco com um músico importante aqui da Nova Zelândia, o pianista Jonathan Crayford. Tenho o meu trabalho solo e vou todos os anos para uma turnê na Austrália e já participei de muitos e muitos festivais, tanto aqui [Nova Zelândia], quanto na Austrália. Tenho um projeto chamado *Latin Club*, que consiste na minha banda e eu. É um projeto com um quinteto dedicado ao jazz e ao samba⁶. Todos os meses, nós convidamos alguém da cena local, seja um músico latino ou que esteja interessado em música latina. Então, sempre aparece um show novo, porque temos a presença de, pelo menos, um músico diferente. E tenho também um projeto, que se chama Brasileira que, obviamente, a ideia é parecida com o *Latin Club*, mas só de música brasileira. Com o *Latin Club* fazemos músicas da América Latina, do Caribe, música africana e de lugares que sofreram a influência da música latina: portuguesa ou francesa.

LUCIANO MALULY: Taciano Milfont, fale sobre as suas pesquisas, a música e como chegou aqui na Nova Zelândia.

TACIANO MILFONT: Eu vim para a Nova Zelândia pela primeira vez em 2001, como aluno de inglês e passei três meses, mas a minha intenção era retornar para fazer meu doutorado. Consegui uma bolsa para cursar o doutorado em Psicologia Social e Ambiental na Universidade de Auckland e, desta forma, retornei em 2003. Estou aqui desde então e, agora, sou Professor de Psicologia na Victoria University of Wellington. Essa é a minha trajetória: eu gosto de me apresentar como um *briwi*⁷, porque eu sou um brasileiro neozelandês, um brasileiro *kiwi*. Sou casado, tenho duas meninas que nasceram aqui, mas que adoram o Brasil, e a gente mantém uma relação muito boa com o Brasil. Eu quero que elas aprendam a língua, a cultura. Eu faço cuscuz que elas adoram, e normalmente faço outras comidas típicas do Nordeste [do Brasil] também. A minha relação com a música começou pela influência do meu pai. Ele sempre gostou de cantar em serestas, mas eu nunca tive investimento para tocar um instrumento em

⁶ Disponível em: <https://www.eventfinda.co.nz/2014/latin-club-with-alda-resende/wellington>. Acesso em: 25 ago. 2020.

⁷ Trocadilho cunhado com a combinação das palavras *Brazilian* e *Kiwi*.

particular. Porém, quando eu cheguei aqui, em 2003, como aluno de doutorado, quis me integrar à comunidade, e uma forma que eu achei foi me juntar a um grupo de capoeira, o Capoeira Mandinga Aotearoa, que é liderado por um *kiwi* - foi o primeiro grupo na Nova Zelândia liderado pelo [mestre] Brabo. E também me juntei a um grupo de samba em Auckland, o AKSamba. Então comecei a tocar muito e, de lá, fui convidado por brasileiros a tocar como percussionista em bares e, depois, com uma menina de Florianópolis, Michelle Mafra, nós desenvolvemos um grupo de maracatu, o Baque Virando, em Auckland, e nós tivemos esse grupo por alguns anos. Mas, em 2008, eu recebi um convite, de uma universidade daqui, após ter terminado meu doutorado, para um emprego. E, na primeira semana [de trabalho], eu conheci as pessoas daqui de Wellington através dos grupos de samba em festivais. Tem um festival bem famoso, o Jambalaya, que minha esposa era envolvida e a Alda [Rezende] cantou lá. Então, já havia uma relação com o grupo de percussão daqui, o Welligton Batucada, que é muito famoso e existe há muito tempo - é o grupo mais antigo de música brasileira, de percussão e de samba da Nova Zelândia.

Um dos líderes desse grupo, Tim Cooke, me conhecia e soube que eu estava vindo morar em Wellington e, na primeira semana, me disse: “estou montando um grupo com a Alda [Rezende]”. Eu já a conhecia de nome, porque ela tinha participado de um projeto muito lindo, chamado OE: Brasil. Eu vi um show [deles] em Auckland. Na minha primeira semana em Wellington, fui para esse ensaio, encontrei a Alda e nós tocamos por um bom tempo, uns dois anos. Alda e eu temos uma música juntos: Ziranda ⁸, que nós passamos a tocar em alguns shows. Também fiz parte de outros grupos, como um grupo liderado por Isabella Rovo, de Pirenópolis, em Goiás, que morou na Nova Zelândia por dois anos. Com Isa, tivemos um grupo chamado Brazealand. Também toquei com outras pessoas em diversos eventos. Quando a Alda me chamou, já como convidado para o *Latin Club*, tive a oportunidade de tocar com outros brasileiros que a Alda trouxe de Minas. Também tive a oportunidade de tocar em um projeto que Isa [Rovo] trouxe para a Nova Zelândia, a Camerata Caipira, um projeto de música que ela tem lá em Pirenópolis e em Brasília.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=QzpMRNAbKc&feature=youtu.be>. Acesso em: 19 out. 2020.

LEONEL ALVARADO: Alda, o Taciano [Milfont] falou que ele é um *briwi*. Você acha que existe a música *briwi*?

ALDA REZENDE: Eu sou uma *briwi* também. Estou ouvindo agora esse termo, mas com certeza nós [ela e Milfont] somos cidadãos neozelandeses e brasileiros. Acho que é um processo que está acontecendo e ainda não se concretizou, mas está começando. É uma coisa fascinante, pois essa identidade está se formando na Nova Zelândia, que é um país bicultural. Primeiro chegaram as pessoas de origem britânica e depois muitos asiáticos e, nos últimos anos, lembro que quando cheguei aqui em Wellington, havia pouquíssimos, praticamente nenhum brasileiro, muito pouca gente. E agora se escuta português e espanhol nas ruas. Na empresa de intérpretes onde trabalho, o espanhol é uma das línguas mais requisitadas. E eu acho que sim, definitivamente, no meu trabalho, acho que não sou mais completamente brasileira. Acho que a minha musicalidade... por, geralmente, cantar com músicos estrangeiros, porque não tem muitos músicos profissionais no país inteiro, contam-se nos dedos... então me acostumei a colocar o meu canto, brasileiro, num contexto estrangeiro e, ao fazer isso, acho que fui me modificando também. Acho que sou definitivamente diferente do que eu era antes. Em vários outros aspectos da sociedade, essa influência latina está ficando cada vez mais clara. Mas ainda está no início.

LUCIANO MALULY: Alda, em seu show, você interpreta músicas em espanhol, português, mas [a mim] parece que você canta de tudo: inglês, maori, entre outras línguas. A minha pergunta é a seguinte: como é que se dá essa junção na sua música?

ALDA REZENDE: Sempre tive muito interesse por linguagens, falo várias línguas e acho uma coisa muito interessante, mas não sou uma pessoa purista. Pelo contrário, gosto de mistura. Não tenho a menor preocupação em parecer uma autêntica cantora brasileira, genuína. Eu não acho isso interessante, inclusive porque isso é impossível se você toca com músicos [estrangeiros]. É como o sotaque, você nunca vai perder esse sotaque. Como artista, sempre fui interessada em achar ou criar uma identidade que

surge da mistura de influências. Eu nunca quis parecer com ninguém e acho que isso é interessante: pegar coisas de várias linguagens. Teve um evento em que cantei em chinês, lembra? [dirigindo-se a Milfont] Foi aquele Pecha Kucha, que é um evento que acontece no mundo inteiro. E o tema era a Lua. Daí peguei canções e cada canção tinha que durar só vinte segundos. Então, fizemos uma compilação de canções sobre a Lua e eu escolhi cantar uma música em mandarim e me dediquei a fazer aquilo. Quando cheguei lá, metade do público era chinês. E elogiaram meu [a pronúncia em] chinês! Então foi bem bacana e eu gosto disso. O *Latin Club* é isso, uma mistura de música latina... e convido tanto os músicos que fazem a tal *música autêntica*, quanto pessoas, músicos daqui que estão interessados em fazer “alguma coisa” latina e, então, se para eles é latino, para mim também: eu não parto desses parâmetros de autenticidade. Aliás, a autenticidade é o que cada um tem - isso é o que me interessa.

LEONEL ALVARADO: Taciano, você é um acadêmico e um artista. Você acha que tem uma mistura de ambas as coisas no seu trabalho?

TACIANO MILFONT: No meu trabalho, por ensinar Psicologia Transcultural, tenho interesse pela expressão da música. Mas a música, na minha vida, é mais como um *hobby*. Você [Alvarado], que também é um acadêmico, sabe que há muita pressão para nos mantermos atualizados com a literatura acadêmica, dar aulas, supervisão, além de outros compromissos. A música para mim é um escape. Eu vim dessa tradição de Pernambuco. Minha família é de [município] Exu, terra de Luiz Gonzaga. Eu nasci e fui criado em Olinda, que tem um carnaval muito famoso e eu adoro o frevo. Lenine, um grande compositor pernambucano, falou uma coisa interessante: Pernambuco é um nome, um Estado muito grande, mas nessa palavra não se repete nenhuma letra e isso expressa muito a cultura do Estado, porque nós temos expressões culturais e musicais que são únicas do Estado. Eu falei há pouco sobre o maracatu, que é de Pernambuco, o frevo é de Pernambuco. Quando criança, cresci com o forró da minha família, lá da tradição de Luiz Gonzaga, de Exu, e com a música do litoral, do frevo, do carnaval. Então, para mim, música é parte do que eu sou e de quem eu sou como pessoa. Então sempre tento trazer um pouco para a questão acadêmica, como

expressão cultural, dou exemplos nas minhas aulas, mas, para mim, a música é um *hobby*.

LUCIANO MALULY: Qual o panorama musical atual na Nova Zelândia, especialmente em Wellington?

TACIANO MILFONT: A Alda já falou um pouco que a Nova Zelândia é um país muito novo. Então, essa efervescência cultural, essa formação cultural ainda está surgindo: eles têm uma apreciação muito grande pelo *reggae* e pelo *dub*. Em Wellington, nós temos uma escola de jazz muito famosa e, por isso, estudar jazz ou mesmo bossa nova desperta muita curiosidade nos músicos locais, justamente por essa tradição brasileira, por conta da bossa [nova], mas também por outras expressões musicais. E na minha experiência, tocando com esses músicos, eu sempre pergunto: por que você gosta da música brasileira, uma música latina? E para eles é tão diferente, a batida, o fraseado, a forma de cantar, a forma de tocar. Por exemplo, tenho um amigo, sempre tocamos juntos, o Bryn van Vliet, que já tocou várias vezes com a Alda, um músico muito competente, toca flauta, toca sax, toca tudo não é? [dirigindo-se a Alda]

ALDA REZENDE: Ele fez uma *big band* de música brasileira...

TACIANO MILFONT: Sim, ele compôs muitas músicas brasileiras. E eu perguntei qual era a opinião dele e ele disse: “quando comecei a tocar contigo, eu pensava que você estava fora do tempo, porque no jazz tocamos com um pouco de *delay*, um pouco atrás da batida e a música brasileira sempre vai puxando a batida para a frente: é tá-ta-ta-ta tá-ta-ta-ta e o jazz é ta-ta-tá-ta, um pouco mais devagar”. Então, ele [Bryn] disse que achou fascinante aquilo, como vocês conseguem tocar à frente do *beat* e manter o ritmo, esse *groove* que nós temos. Então, para ele, despertou um outro universo musical. Eu achei isso muito interessante e a Alda falou que não há uma coisa tradicional, única. E eu aprendi muito, porque não sou formado em música, mas tocando com essas pessoas que são formadas, aprendo muito e melhorei muito como

músico nesses anos que estou vivendo aqui. Então, essa efervescência está acontecendo e, como o país é muito recente, muito novo, vai continuar.

ALDA REZENDE: O país é muito novo e, por isso, acho a cultura muito maleável. Em poucos anos, podem acontecer mudanças grandes. Por exemplo, o café. Há uns vinte anos, aqui na Nova Zelândia, todos só tomavam o café solúvel. Hoje, dizem que na Nova Zelândia, em Wellington, se toma o melhor café do mundo. Então, nessa cultura... todo mundo é *expert* em café... Principalmente em Wellington. Então... é uma coisa que há vinte anos não existia. O vinho também é uma coisa que há algumas décadas ninguém tomava. Quando se introduz uma coisa aqui, não demora muito tempo para você vê-la ser incorporada.

TACIANO MILFONT: Um outro exemplo é a culinária: eu tive uma aluna de doutorado da Suécia que veio me visitar durante três meses, e nós fizemos uma entrevista com ela no final, que está [disponível] até no YouTube ⁹. Ela falou que a culinária foi mais surpreendente, porque ela disse que a comida é muito, muito boa, porque existe a influência europeia, especialmente a britânica, mas há muita comida asiática.

ALDA REZENDE: Se não fossem os asiáticos, aqui a comida ia ser complicada... [risos]

LEONEL ALVARADO: **Alda, você colabora com muitos músicos aqui, da América Latina, com músicos neozelandeses, mas também com músicos do Brasil. Eu me lembro de ter assistido um vídeo muito lindo que era você com Pato Fu. Poderia nos falar sobre isso?**

ALDA REZENDE: Como disse antes, quando vim para cá [Nova Zelândia], eu já era um nome conhecido em Minas, já ganhei prêmios como melhor cantora de Minas Gerais, fui selecionada para o 5º Prêmio Visa, edição vocal, em 2002. Cheguei entre os doze finalistas desse evento que era, não sei se ainda existe, mas era o de maior prestígio da música brasileira. Essa foi uma edição vocal, que acontecia a cada quatro anos. Havia

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2NF2ne5scp0&feature=youtu.be>. Acesso em: 19 out. 2020.

quatro mil pessoas concorrendo e não se tratava de um prêmio comercial, mas um mérito artístico. E já cantei com muita gente no Brasil: com a Ná Ozeti, Elza Soares, João Bosco, com a velha guarda da Mangueira, com artistas da música eletrônica, com Fernando Brant e Márcio Borges, fui solista de um espetáculo deles. Com o Pato Fu, gravei o disco "Festa no Céu" trilha sonora para o desfile do estilista Ronaldo Fraga. Não era um disco de carreira, mas uma trilha sonora para o São Paulo Fashion Week, em 2006. E esse vídeo é um show que eu fiz e convidei a Fernanda [Takai], do Pato Fu. E o Pato Fu veio para cá também.

Na verdade, não vieram como Pato Fu, mas como banda da Fernanda Takai, que tem um show solo. Mas é mais ou menos, quase o Pato Fu, porque a Fernanda é casada com o John [Ulhoa, guitarrista e vocal de apoio] e eu gosto muito deles, já fiz algumas parcerias. Foi quando eles vieram e quando eu tinha esse festival e pude trazer muitos músicos brasileiros, como Marco Ribas e toda a minha banda de Minas... e existia um projeto, que se chamava Música Minas, que dava passagens aéreas para os músicos. Assim era possível... então eu trouxe cerca de vinte músicos ao longo desses quatro anos.

LEONEL ALVARADO: Vocês conhecem a música brasileira, mas os neozelandeses têm a percepção de que a música brasileira é samba ou bossa. Como escolhem as músicas para compartilhar com eles aqui na Nova Zelândia?

TACIANO MILFONT: A minha tradição musical, como eu falei, era mais de música de Pernambuco: muito forró e frevo, carnaval de Olinda e maracatu... outras expressões como caboclinho, cavalo marinho, ciranda, que é um ritmo para o qual a Alda e eu fizemos a música Ziranda. Porém, sempre gostei de música... eu me lembro de uma entrevista que ouvi com o Lúcio Maia, guitarrista da [banda] Nação Zumbi e ele disse "eu escuto de tudo, sendo música boa, não importa". Para mim é assim também, eu escuto de tudo, não tenho preconceito. Se a música é interessante, eu escuto. Não quer dizer que compre a música, mas ouço a música. Não tenho essa preocupação. Minha trajetória musical na Nova Zelândia começou pelo samba de batucada, por meio do grupo com o qual eu me reuni aqui, o AKSampa. Essas canções que as pessoas

conhecem, como a bossa e o samba, são interpretadas pelos músicos brasileiros com os quais toquei em Auckland e aqui [Wellington]. Então é mais fácil começar introduzindo música brasileira por meio dessas canções já reconhecidas e depois trazer outros ritmos. Além disso, há o projeto que a Alda mencionou, Brazilianana, que estamos fazendo e tocamos vários ritmos. E, por necessidade, aqui, comecei a tocar música como DJ, virei o DJ DaLua e comecei tocando forró, que é a música que eu cresci ouvindo, mas como eu falei, tenho interesse por tudo.

ALDA REZENDE: O forró está ficando mais famoso por aqui. É uma coisa que viramos pioneiros na marra, porque a gente tem que ser, não por que quer ser. Por exemplo, isso que o Taciano falou da bossa, eu sempre cantei bossa e samba, pois a minha fundação como qualquer músico mineiro é o Clube da Esquina. Eu acho que todo músico mineiro, seja pela admiração, seja pela repulsa, é fundado [baseado] no Clube da Esquina. E agora, finalmente, eu tenho um projeto Clube da Esquina, porque essa coisa de ir para os ritmos, começar com a bossa e um pouco de MPB... aí ficou o mais difícil de todos, que é o Clube da Esquina. Já fizemos alguns shows e estou mandando material para alguns festivais para poder fazer essa música, porque nunca foi apresentado aqui o Clube da Esquina.

TACIANO MILFONT: E eu queria dizer que a Alda teve essa formação musical e era artista no Brasil. Não foi o meu caso. Eu sempre falo que muitos brasileiros viram bons jogadores de futebol quando vão para outro país, porque no Brasil não são tão bons, mas, em outro país, são os melhores. E eu acho que aconteceu assim comigo. Porque eu sempre toquei um pouco de música no Brasil, mas não era muito bom e não investia meu tempo nisso. Mas aqui eu senti como necessidade de identidade cultural me expressar, como *hobby* e como forma de valorizar a nossa cultura. Tem um acadêmico, antropólogo cultural, o [Clyde] Kluckhohn, que afirma: “o peixe só reconhece que vive dentro d’água quando está fora d’água”. E falo muito isso para os meus alunos, que normalmente só reconhecemos o poder da nossa cultura quando saímos dessa cultura. E eu senti muito isso. Então a música representa para mim a expressão da minha brasilidade e de ser pernambucano e de Olinda, porque essa

identidade minha é muito forte. É importante frisar que eu não tive formação musical. Aqui, quando eu digo “eu não sou um músico”, daí as pessoas dizem “não, você está tocando, você é músico” e a Alda sempre me aceita, sempre me abraça, mas eu não tive essa formação, por isso que eu digo que me sinto privilegiado.

LUCIANO MALULY: Como foi a experiência musical que tiveram juntos?

ALDA REZENDE: A gente se conheceu com o [grupo] Zirigidum. E o Taciano pode dizer que ele não é músico e tal, mas você é o *the best* (o melhor). E eu acho que você se aproxima da música da mesma forma que você se aproxima de tudo na vida, muito seriamente. Então, eu não considero mais você um amador. Qual a diferença de um amador para um profissional? É a dedicação, tipo, você não sai de repente e vira cantor. Tem que estudar muito e isso para quem não tem ouvido é muito claro. Mas se você estudar muito, muito, como o Taciano, em alguns anos, que é o que você já fez, você vira um profissional. Para mim, você pode não ganhar dinheiro com isso, mas você é profissional. E quem é que ganha dinheiro com isso, aliás? Se é esse critério, não é?

314

TACIANO MILFONT: A primeira vez que eu vi a Alda foi num show em Auckland, por meio desse projeto OE: Brazil, que foi juntando músicos da Nova Zelândia com músicos do Brasil e músicos daqui, incluindo a Alda. Eles foram passar um tempo em São Paulo, numa casa lá e gravaram um CD e fizeram shows na Nova Zelândia.

Existe um documentário, exato! Na minha primeira semana em Wellington, nós [Alda e eu] nos conhecemos, e eu era um fã, de você, a cantora. E como disse, às vezes eu esqueço como foi a nossa trajetória. Mas quando a gente começa a cantar, que sobe um arrepio, assim, me sinto muito privilegiado de poder tocar com a Alda e com vários músicos daqui que, inclusive, têm a formação e um treinamento musical muito bom, muito avançado de jazz. Eu me sinto privilegiado. E com o Zirigidum, a banda que nós tivemos juntos, eu comecei a ter ideias de criar algumas músicas, porque a gente

estava querendo criar nossa própria música. Nos apresentamos na TV nacional (TVNZ) duas vezes.

A gente estava pegando nome [ficando conhecido], mas aí quase todo mundo da banda teve criança [filhos] e foi difícil manter a banda. Mas nós queríamos fazer a nossa própria música e eu estava com uma melodia, um som que estava na minha cabeça e eu quis colocar uma letra. Coloquei a letra, mostrei para a banda, mas a Alda achou que estava muito complexa, tinha muitas palavras e para ela cantar estava [difícil]. Então, fizemos essa colaboração, ela disse assim: “vamos fazer assim” - e mudamos a letra e acho que [a canção] ficou muito linda. Nós tocamos... tem essa música gravada na TV, era um show gravado e fala um pouco da minha cultura, da minha tradição, da ciranda, mas fala das ladeiras de Olinda, fala da praia. E foi feita com a Alda [e ficou] muito linda.

LUCIANO MALULY: Alda, quais as principais atividades culturais envolvendo latino-americanos na Oceania?

ALDA REZENDE: Um dos meus projetos é o *Latin Club*. A ideia do projeto é tocar uma música panlatina e música influenciada pela música latina. Para mim, qualquer país de linguagem que veio de linguagem derivada do latim tem cultura latina. E o *Latin Club* sempre interage com outras comunidades latino-americanas. Na Austrália, tem uma banda, toda composta de australianos [exceto por] um brasileiro baixista. E essa banda se chama Panorama Brasil e nós fazemos... já [estamos] no terceiro ano que eu faço um projeto de afro-sambas com eles. Quando eu os conheci, fui fazer uma participação com eles num show [temático] de Tom Jobim. Eu acho que as pessoas estão pegando isso e como tenho uma certa penetração na cena do jazz aqui, eu acho que vai influenciando aos poucos. Por exemplo, um dos professores da universidade de música de jazz, o Lance Phillip, tem a *Big Band* lá, e antes a música latina de lá era afro-cubana. Fui mexendo meus pauzinhos e agora eles tocam Toninho Horta. Só [pelo fato] de a gente existir aqui, de certa forma está influenciando. Em Auckland tem o Bob Brazuca, que talvez seja o embaixador da música brasileira aqui, uma música mais *pop*, mais eletrônica, ele é *DJ* também. Eu também sou *DJ*: faço um programa de *world*

music de uma rádio: Global Pulse e da RadioActive FM, a cada três domingos e [lá] eu toco muita música latina no programa – e tento ampliar o conceito de música brasileira [além de] ser só samba, para incluir outras coisas, para dar uma ideia do tamanho da diversidade. E também [com] o *Latin Club* eu comecei com um grande músico argentino, o Emilio Bertrand, um acordeonista fabuloso que nós tivemos a sorte de ter aqui por alguns anos. E era uma mistura maravilhosa porque tinha eu, de brasileira, ele, de argentino, um escocês, dois *kiwis*, e eu acho que o resultado disso saiu uma coisa que realmente me interessa, que era uma fusão.

LUCIANO MALULY: Neste contexto, qual a importância da capoeira e de outras experiências culturais latino-americanas na Nova Zelândia?

TACIANO MILFONT: É bom que você trouxe isso porque eu não faço mais capoeira, mas para mim, a capoeira, que não é só música... a capoeira tem um universo, é uma arte marcial que inclui a música... mas para mim é uma expressão cultural brasileira que atrai muita coisa boa para o Brasil. Em muitas visitas que já tive aqui na embaixada do Brasil, eu já falei para vários embaixadores que eles precisam investir mais na capoeira e que eles deveriam falar isso para outros diplomatas, porque a capoeira está em quase todos os países do mundo, não vou dizer todos, mas em muitos países do mundo, e as pessoas começam a fazer capoeira nesses países. Eles começam a pesquisar: primeiro, eles devem cantar as músicas em português e, depois, eles começam a se interessar pela língua, a se interessar pelo Brasil, pela tradição afro-brasileira, pela música brasileira e têm muito interesse em ir visitar o Brasil. E é um turismo muito positivo para o Brasil, porque as pessoas que estão indo querem aprender sobre o Brasil, conhecer brasileiros, falar a língua, querem conhecer a cultura. Para mim, a capoeira é uma coisa muito positiva para o Brasil. Mas, falando de forma geral sobre músicos, na Oceania, tem uma brasileira que eu a conheci em Auckland... sempre fui muito fã da Alda, quando morava lá... e foi pela Juliana Areias que eu soube da Alda e a Juliana está em Perth e ela tem um grupo muito famoso lá, cantando música brasileira, bossa, principalmente. Eu tenho que falar também da Julie Bevan. Ela foi a primeira *kiwi* que começou a tocar música brasileira aqui. Por adorar

música brasileira, ela conseguiu financiamento do governo para criar os afro-sambas que a Alda e eu tocamos em algumas cidades da Nova Zelândia. Ela já foi para o Brasil várias vezes e recentemente ela gravou um álbum totalmente instrumental no Brasil. Ela é fã de Baden Pawell e toca muito bem o violão. Então, tem a Julie e tem um rapaz que chegou recentemente do Rio, o Wellington Silva, que toca violino e teve um estudo de música no Brasil. Ele é músico [profissional] e agora já está tocando com orquestras aqui, como em Plymouth na Taranaki Symphony Orchestra.

Eu estou falando do Wellington, porque ele tem uma tradição do choro, uma música que está surgindo muito mais forte na Oceania. Mas eu queria falar de uma família de franceses que acabaram de chegar à Nova Zelândia. Eles foram morar em Christchurch e que adoram a música brasileira, o choro. E já criaram uma roda de choro em Christchurch. Então, o casal Julien Pringot e Marianne Bedin... ela toca a flauta e ele toca o violão de sete cordas e todos os filhos tocam também: um percussão, a menina toca trombone e o outro toca saxofone. Eles estão criando esse movimento em Christchurch, que começou com franceses que acabaram de se mudar para cá. Inclusive, vale destacar o Félicien Houet, que trouxe o choro para Wellington. Ele trouxe outras pessoas que já conheciam o choro, por exemplo o Doug Hoople, que é um [norte-]americano e toca bandolim e conhece muito a tradição do choro, além de tocar muito bem. Então, o choro é outra música para pessoas que têm formação musical e atrai realmente, porque é uma música muito linda.

ALDA REZENDE: E muito sofisticada também. E talvez, assim como a bossa nova, é uma música que é obviamente diferente do jazz, mas que eles conseguem se relacionar com ela de um jeito mais fácil por causa dos improvisos, mais fácil do que, talvez, com a MPB, por exemplo.

TACIANO MILFONT: Eu falei mais da música brasileira, mas têm muitas bandas em Auckland e aqui, que eu sei, de salsa. Aqui em Wellington tem o Cumbia Brothers, que foi criado pelo Emilio [Bertrand]. O Emilio também tem uma tradição grande de tango. E também outro grupo agora formado só por cubanos. Eles trazem a musicalidade e a

história da música de Cuba, que já era muito reconhecida na Nova Zelândia. Além disso, tem um percussionista e dançarino, o Rafael Ferrer.

LEONEL ALVARADO: Vocês acham que a música neozelandesa tem influência da música latina agora ou vai ter em algum momento?

TACIANO MILFONT: Sim, eu falei de pessoas que estão aqui e são influentes como músicos, além de desenvolverem a música local com essas influências. Então, tem muita banda que toca salsa e a maioria dos músicos são neozelandeses. Por tocarem essa música, eles vão levar esse suingue, esse tempero, para a música que eles farão. Eu falei da Julie, também o Bryn, que está gravando, compondo músicas influenciadas pela música brasileira, principalmente o choro. E ele criou uma *Big Orchestra* só de *kiwis*, tocando músicas instrumentais brasileiras, com a influência do Brasil, que é muito linda.

ALDA REZENDE: Eu fiquei muito impressionada nesse show que eu fui ver porque são uns vinte músicos e como a música deles não soa como um pastiche de música brasileira, soa estrangeiro, mas estrangeiro que estudou e que entrou dentro daquilo. Então, eu acho que esse é o melhor jeito de tocar: nunca vai soar brasileiro porque não é o que é e não é o que deveria ser também. E não soa como imitação de música brasileira. Soa como uma coisa verdadeira. Verdadeiramente influenciada – e eu falei isso com ele e fiquei muito feliz e é um trabalho de altíssimo nível.

TACIANO MILFONT: Eu queria comentar também, uma coisa que eu sinto pessoalmente, estou aqui há mais de dezesseis anos e sinto que eu não estou no Brasil, construindo a cultura, e eu tento ver o que está acontecendo no Brasil, os movimentos, as bandas novas e eu aprendo muito com outros brasileiros... e uma pessoa que eu não posso deixar de falar é o Jorge, que é uma enciclopédia de música brasileira, é um *DJ* daqui. Ras Quilombo é o nome de *DJ* dele. E como falei, ele é uma enciclopédia, ele conhece muita música brasileira e que eu conheci através dele.

LEONEL ALVARADO: Estamos na Nova Zelândia e sabemos da importância da cultura maori e você gravou algumas músicas maori. Poderia falar sobre isso, Alda?

ALDA REZENDE: Sim, é um projeto que eu fiz, mas que considero incompleto, porque eu gostaria muito de fazer um disco em estúdio e por enquanto o que se tem é um *demo*¹⁰ de uma gravação ao vivo, de um show que nós fizemos no Te Papa, que é o museu nacional da Nova Zelândia, que é maravilhoso... e foi naquele Marae, que tem uma acústica maravilhosa. E eu convidei dois músicos, amigos meus, o Kristoff Silva, que é [um] dos melhores compositores de Minas Gerais e o Caíto Marcondes, que é um grande percussionista, tocou inclusive com o Hermeto Pascoal. Além disso, convidei um músico maori que se chama Matiu Te Huki e nós fizemos um projeto muito louco [rápido], porque os músicos chegaram na sexta-feira, não se conheciam, a gente estava trocando ideias e, em dois dias, nós escrevemos as músicas, inclusive algumas canções que não são nossas aqui [minhas], mas nós escrevemos as músicas, ensaiamos e fizemos o show. Fizemos vários, uma turnê aqui. Fomos para Auckland, para outras cidades, e eu acho que o resultado foi maravilhoso. Realmente a gente conseguiu criar uma musicalidade que está no meio: que tem influências maori e indígenas brasileiras e nós conseguimos achar um monte de pontos em comum entre a musicalidade. Escrevemos essas músicas, tem também uma música da Marlui Miranda, tem músicas tradicionais maori e o projeto se chama Tu Taki Taki, que significa *encontro* em Te Reo Maori (idioma maori).

LEONEL ALVARADO: E sobre o que são as letras das músicas. Você lembra de alguma?

ALDA REZENDE: As letras são sobre cultura maori, são letras tiradas também de ditados maori, que adaptamos e cantamos em Te Reo... várias coisas... tem música cantada em linguagem indígena brasileira, uma música em Tupi. E tem músicas em português e em inglês também.

¹⁰ Material musical preliminar. Normalmente consistem no registro da primeira versão da música, gravada de maneira simples para servir de base para a adição de arranjos instrumentais e aperfeiçoamento da interpretação vocal.

LUCIANO MALULY: Eu gostaria que vocês falassem quais são os espaços culturais para os brasileiros ou para os latinos que desejam passear pela Nova Zelândia ou até viver na Nova Zelândia. Taciano, aonde as pessoas devem ir aqui para conhecer esse trabalho?

TACIANO MILFONT: Bom, os espaços variam, depende das cidades, mas em Auckland, eu morei cinco anos e existia um espaço que acolhia a música latina, que era o Khuja Lounge, que era no topo da Queen Street com a Q Road e eu acho que não existe mais. Tinha o 4:20, na Q Road, que também tinha muita música eletrônica, mas também acolhia música brasileira. E tem os espaços grandes para shows, tem a Powerstation em Auckland, que o Marcelo D2 e o Jorge Ben Jor já tocaram lá. Ambos esses shows foram trazidos pelo Bob Brazuca. Bob trabalha com o Alex Robeiro, que é um ex-jogador profissional de futebol, e eles criaram uma empresa de produção e trazem muitos músicos do Brasil. Aqui em Wellington, os bares variam de espaço. São os mesmos bares que tocam outras músicas.

320

ALDA REZENDE: O *Latin Club*, quando começou, era um evento. Toda terça-feira, nós tocávamos no Meow, que é um bar muito bom, mas nós paramos de tocar lá. Depois ficamos tocando em vários espaços diferentes e agora nós temos uma residência no Southern Cross, que é um bar que sempre foi muito aberto à música latina e toda primeira sexta-feira do mês tem o *Latin Club*.

TACIANO MILFONT: No Southern Cross, quando nós tivemos a banda Brazealand, tocávamos lá todo mês. Então tínhamos algo marcado lá todo mês... e é muito aberto, não só para a música brasileira, como também o grupo cubano, que toca lá com frequência, além de outros grupos. A pessoa que está organizando os músicos lá no Southern Cross agora é o Bryn, músico do choro, que eu falei [anteriormente]. Então, por conta do interesse dele pela música latina, ele também convida muitas pessoas para tocarem lá.

LEONEL ALVARADO: Alda, você gravou em 2006 esse disco aqui, o Traveller. Você pode falar sobre o Traveller?

ALDA REZENDE: Esse foi um disco que lancei por uma gravadora da Nova Zelândia, que se chama Loop, é uma gravadora independente. Ele [CD] foi fruto desse outro projeto chamado OE: Brazil. OE é uma sigla que significa *Overseas Experiences*¹¹, que é uma coisa – como a Nova Zelândia é muito longe de tudo [outros continentes], os estudantes quando terminam, é uma coisa muito comum de se fazer, entre o fim da escola e antes da pessoa decidir o que vai fazer na vida, a pessoa tem uma OE, uma experiência no exterior. Por isso que esse álbum se chama [Traveller no contexto do] OE. Aí, como a música que gravei com a parceria que eu fiz com o Bossacucanova foi a música mais tocada desse disco [a faixa], se chama Doa Doa... ela foi composta pelo Renato Negrão, Antônio Siqueira e por mim... e eu fiz essa colaboração com o Bossacucanova... então ela virou uma bossa eletrônica. Eu lancei esse disco aqui e foi interessante porque não é fácil você se inserir no mercado local cantando numa outra língua fazendo o tipo de música que eu faço, que não se encaixa em nada do que se tem aqui. Aliás, a minha música não se encaixa muito. Eu me lembro de quando gravei meu primeiro disco, Samba Solto, ele foi apresentado na Omax, para ver se a gente conseguia uma distribuição internacional e muito gringo falou que o disco não soava brasileiro. É um disco extremamente brasileiro, mas não é um disco que soa como o que se espera como música brasileira soe.

LEONEL ALVARADO: Um estereótipo?

ALDA REZENDE: O estereótipo. Eu saio muito desses estereótipos. Se meu disco brasileiro não soa brasileiro, o disco neozelandês é que não vai soar mesmo. Mas eu gosto dele. Cada disco meu tem uma sonoridade muito diferente. No caso do Traveller, praticamente todos os instrumentos foram tocados por esse pianista, mas

¹¹ Experiência no estrangeiro, em tradução livre.

ele não toca piano, toca vários teclados diferentes. Ele é um disco que soa não eletrônico, mas elétrico.

TACIANO MILFONT: Me desculpa mudar um pouco [o pensamento], mas é só porque veio à cabeça... é difícil lembrar de tudo e lembrar de todos... mas eu queria falar de alguns músicos que foram muito importantes para essa colaboração. Eu não posso deixar de falar de alguns músicos brasileiros que tiveram uma influência muito marcante na Nova Zelândia. Um é o Robson Santos, ou Nego Beto, que era o percussionista de uma banda só de músicos da Nova Zelândia e ele era o único [integrante] brasileiro, chamada One Million Dollars, que significa “um milhão de dólares”, uma banda muito boa, que infelizmente acabou. Eles eram lá de Auckland. E outro músico é o Mani [Santos], que continua tocando em Auckland. Ele tocava música brasileira e tocou conosco no Afro-sambas, já veio para Wellington para tocar forró nas festas juninas e agora tem uma banda com músicos da Nova Zelândia, chamada Soul Satelites. E o Alex [Ribeiro], que eu falei, que traz músicos do Brasil para cá, ele tem uma banda de samba que existe há muito tempo, chamada Samba Maracanã. Acho que eles tocam todo mês lá em Auckland e fazem uma festa, “a balada” para brasileiros, porque Auckland é uma cidade que tem muitos brasileiros que vão [ficar] por pouco tempo, para estudar inglês e [depois] voltam. E outro, foi o Adilson [Galdino], que criou uma banda aqui em Wellington, só de samba, o Só Samba, que também atrai muitos brasileiros para as festas. O Adilson agora mora na Alemanha, mas a Marina [Abraham] continuou o projeto e é uma banda que continua. A Marina é carioca, filha de pai músico. Então ela teve essa formação de interesse pela música.

ALDA REZENDE: Ela é muito boa pandeirista.

TACIANO MILFONT: Ela toca muito pandeiro e tamborim. Bem, são [essas] as bandas daqui.

ALDA REZENDE: Eu queria falar também do Henrique Morales, que é um músico que [atuava] no Brasil também e ele é um excelente violonista e baixista. Aliás, ele está virando cada vez mais baixista. Ele é gaúcho, quase uruguaio. E tem também o Rick [Medeiros], que é um outro violonista muito bom, que está morando lá em Auckland e trabalha lá também, e a Juliana, que é pianista, formada em [Música -] Piano. Porque isso é importante, tipo, “agora eu virei pianista”, entendeu?

TACIANO MILFONT: E uma coisa interessante, por falar em piano, tem um músico de piano aqui na Nova Zelândia, que é chamado Ayrton Foote e ele é chamado Ayrton, porque o pai dele era fã do [o piloto] Ayrton Senna, da Fórmula 1. E ele tocou com a Alda, não é?

ALDA REZENDE: Ele foi meu convidado, da última vez [apresentação no *Latin Club*], mas ele não se chama de Ayrton. Ele se chama Érton¹² e todo mundo o chama de Érton, mas ele é Ayrton, para os brasileiros...

LUCIANO MALULY: **Alda e Taciano, para encerrar, diante da cultura, o que vocês aprenderam com os neozelandeses e o que vocês procuraram transmitir?**

TACIANO MILFONT: É uma coisa que eu falo nas minhas aulas, eu ensino Psicologia Transcultural e uma diferença marcante entre o Brasil e a Nova Zelândia é a questão hierárquica: eu sou professor da Universidade. No Brasil, você se refere ao professor como professor e essa questão hierárquica também é presente na questão da espera no Brasil. Se você vai ver um advogado, um médico, essas pessoas, no papel de autoridade, tendem a fazer você esperar porque é uma pessoa importante e você tem que usar o título. Até títulos que não condizem com a titulação da pessoa, não é? Você chama uma pessoa [de] doutor no Brasil quando a pessoa não é doutor. Aqui na Nova Zelândia isso não existe, as pessoas se chamam pelo primeiro nome, é uma cultura muito mais igualitária. E isso vai para a questão histórica, porque nós tivemos a

¹² Pronúncia inglesa e sem brasileirismo do nome Ayrton, como se fosse pronunciadas as sílabas na seguinte ordem: Air-ton.

escravidão no Brasil e a forma de tratamento das pessoas é muito mais hierárquica do que aqui. [Por exemplo,] você vai num bar, num restaurante e a pessoa que está ali servindo [atendendo] pode ser o filho ou a filha do seu amigo que está ali porque a pessoa está estudando na universidade e precisa de algum dinheiro; está vivendo em outra cidade ou é um trabalho temporário ou é o trabalho da pessoa mesmo, mas a relação que você tem com essa pessoa não é hierárquica. É uma pessoa que está ali servindo [trabalhando], que poderia ser você. Então, você trata as pessoas de uma forma muito mais igualitária, muito mais cordial. Isso é uma coisa principal. A outra questão é a da troca de favores: o Brasil é muito mais burocrático do que aqui, então o *jeitinho brasileiro* que temos inclui muito essa questão da troca de favor – eu faço isso para você e você vai fazer isso por mim. Aqui, as relações são muito mais diretas, muito mais honestas. O que eu penso, por exemplo, no Brasil, para eu estar na posição que eu estou como professor, talvez eu tivesse que me submeter a várias questões políticas e de hierarquia. Eu cresci em Pernambuco e no nordeste, penso, é muito importante o seu sobrenome e isso pesa: onde você estudou, qual é o seu sobrenome e quem você conhece. E aqui isso não existe tanto: é um país de [são duas] ilhas e quem você conhece é importante, porque é um país pequeno, mas não para favorecer você para ter uma posição. Então eu cheguei desconhecido, ninguém me conhecia aqui e tive muitas oportunidades de trabalho porque as pessoas querem saber da sua competência, quem você é e não quem você conhece.

ALDA REZENDE: Com certeza. Eu acho que outra diferença fundamental, não só daqui, mas a diferença entre a cultura latina, de forma genérica, e a cultura europeia, branca, é a questão da liberdade emocional que se tem. O brasileiro é extremamente livre, emocionalmente, eu acredito que seja [com] os povos latinos: as nossas reações são mais viscerais, mais apaixonadas, a gente fala e a gente demonstra afeto publicamente, tanto que não existe uma expressão para *public display of affection*, tanto que aqui existe uma sigla, PDA, que é um afeto mostrado publicamente, que é uma coisa que não se faz normalmente. Então, isso eu acho que é o grande [aprendizado], além de tudo aquilo que o Taciano falou. Eu acho que isso talvez seja a

melhor contribuição que os povos latinos podem dar para essa sociedade ao longo do tempo.

TACIANO MILFONT: Relacionado a isso, para mim, a música sempre envolve movimento. Eu falei das músicas de Pernambuco: o forró tem uma dança, o frevo tem uma dança, o cavalo-marinho tem uma dança. Para mim, a música sempre envolveu movimento. Não há essa distinção tão forte e eu acho que podemos generalizar para a música latina, que envolve dança e movimento. Então, outra forma dessa expressão emocional através da música é a dança, se expressar. Porque o neozelandês, assistindo a um show latino, tem que se mover, tem que dançar, e a gente tenta fazer isso.

ALDA REZENDE: E eu acho que pelo exemplo de as pessoas estarem ali dançando e se divertindo, cai uma certa [barreira de] timidez.

LEONEL ALVARADO: **Só para falar: obrigado Alda, obrigado Taciano! É um privilégio estar aqui com vocês e espero que vocês continuem mostrando publicamente o afeto brasileiro através da música.**

325

LUCIANO MALULY: **Para encerrar, pedimos ao Taciano Milfont e à Alda Rezende que, por meio de sua música, deixem uma mensagem aos jovens do Brasil, da Nova Zelândia e dos países do continente [americano].**

ALDA REZENDE: Leiam, estudem e se informem, para não fazerem bobagem.

TACIANO MILFONT: A educação é tudo.

REFERÊNCIAS

MALULY, Luciano Victor Barros. USP amplia parceria com a Nova Zelândia. **Jornal da USP**, São Paulo, 02 dez. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/usp-amplia-parceria-academica-entre-brasil-e-nova-zelandia>. Acesso em: 02 out. 2020.

SÉRIE Latin Maori. Entrevistados: Alda Rezende e Taciano Milfont. Entrevistadores: Luciano Victor Barros Maluly e Leonel Alvarado. Wellington: Wellington Access Radio, out. 2019. 3 áudios (88 min), extensão MP3. Disponível em: <http://www.usp.br/radiojornalismo/?s=alda+rezende>. Acesso em: 02 out. 2020.¹³

TAVARES JÚNIOR, Carlos Augusto. Brasil-Maori: o rádio como meio de integração entre Brasil e Nova Zelândia. *In*: TAVARES JÚNIOR, Carlos Augusto. **Projetos de Pós-Doutorado**. 2020. 15 f. Projeto de Pesquisa (Pós-Doutorado) – Departamento de Jornalismo e Editoração, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/pesquisa/posdoc/projetos/cje>. Acesso em: 02 out. 2020.

SOBRE OS AUTORES

Luciano Victor Barros Maluly

Graduado em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo - pela Universidade Estadual de Londrina. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Doutor em Ciências da Comunicação e Livre-Docência, ambos pela Universidade de São Paulo. Pós-Doutorado na Universidade do Minho, em Portugal. Atua como professor e pesquisador na Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: lumaluly@usp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2630-8922>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8327819994771588>

Carlos Augusto Tavares Júnior

Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Radialismo pela Universidade Metodista de Piracicaba. Especialização em Mídia, Informação e Cultura pela USP. Mestre em Ciências (Comunicação: Informação e Mediações nas Práticas Sociais), pela USP. Doutor em Ciências (ScD) - Comunicação: Informação e Mediações nas Práticas Sociais, pela USP. Cursa Pós-Doutorado na Escola de Comunicações e Artes no CJE da Universidade de São Paulo com a Pesquisa: "Brasil-Mori: o rádio como ferramenta de integração entre Brasil e Nova Zelândia".

E-mail: ctavares98@gmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0868-0760>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5987225961848965>

¹³ Programas transmitidos pela Rádio USP no Programa Universidade 93,7 – Especial Latim Maori, entre os meses de fevereiro e março de 2020. Integralmente disponíveis em: <http://www.usp.br/cje/radiojornalismo/?s=alda>. Acesso em: 02 out. 2020.

Leonel Alvarado

Nasceu em Honduras, em 1967. Publicou, entre outros livros, as coletâneas de poesia El futuro que no fuimos, Casa vacía, El reino de la zarza (Prêmio Latinoamericano EDUCA), Xibalbá, Texas (Prêmio Centroamericano de Literatura Rogelio Sinán), Retratos mal hablados (menção honrosa do Prêmio Casa de las Américas) e Driving with Neruda to the Fish ‘n’ Chips. Coordena os programas de português e de espanhol na Universidade de Massey, Nova Zelândia, onde vive atualmente.

E-mail: L.Alvarado@massey.ac.nz

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8440-1140>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

MALULY, Luciano Victor Barros; TAVARES JÚNIOR, Carlos Augusto; ALVARADO, Leonel. Alda Rezende e Taciano L. Milfont: vozes Latino-Americanas na Nova Zelândia. **Passagens:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 302-327, jul./dez. 2020.

RECEBIDO EM: 20/10/2020

ACEITO EM: 08/12/2020